

VI Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXI Jornadas de Investigación Décimo Encuentro de Investigadores en
Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos
Aires, Buenos Aires, 2014.

Assujeitamento: o lugar do tóxico na economia psíquica.

Rutsatz, Patricia, Freitas Ribas, Renata, Garcia Grigorieff,
Alexandra, Dambros Hentz, Rita y Alabart, Carla.

Cita:

Rutsatz, Patricia, Freitas Ribas, Renata, Garcia Grigorieff, Alexandra,
Dambros Hentz, Rita y Alabart, Carla (2014). *Assujeitamento: o lugar do
tóxico na economia psíquica. VI Congreso Internacional de Investigación
y Práctica Profesional en Psicología XXI Jornadas de Investigación
Décimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR.
Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-035/714>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso
abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su
producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.*

ASSUJEITAMENTO: O LUGAR DO TÓXICO NA ECONOMIA PSÍQUICA

Rutsatz, Patricia; Freitas Ribas, Renata; Garcia Grigorieff, Alexandra; Dambros Hentz, Rita; Alabart, Carla

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Brasil

RESUMEN

A história do combate mundial ao avanço das drogas e de seus efeitos devastadores atravessa décadas. Os indicadores de produção e consumo de substâncias psicoativas seguem alarmantes. Atualmente, a droga se faz presente com muita intensidade no cotidiano dos sujeitos. Assim, a intoxicação é tida como uma das respostas do sujeito ao mal estar na contemporaneidade, denunciando novas modalidades de expressão de dor psíquica. Logo, a toxicomania insere-se neste cenário como um modo particular de apaziguar o que concerne à dor e ao desalento. Este tema livre objetiva problematizar, por meio de recortes de entrevistas realizadas junto a uma usuária de crack, participante de pesquisa sobre a toxicomania, os aportes teóricos do psicanalista Joel Birman sobre o estatuto da droga na configuração da subjetividade. A toxicomania, para o autor, é determinada por uma relação marcada pela intensidade e pela exclusividade do tóxico na vida psíquica do sujeito. Configura-se uma condição de assujeitamento, a qual presentifica um circuito mortífero de total dependência com a substância, no qual a droga ocupa uma função totalizante e a condição de sujeito desaparece. É fundamental indagar a função que a droga assume, no intuito de compreender as formas de subjetivação e de mal-estar contemporâneo.

Palabras clave

Toxicomania, Contemporaneidade, Assujeitamento, Subjetividade

ABSTRACT

SUBJECT: THE PLACE OF TOXINS IN THE PSYCHIC ECONOMY

The history of the worldwide fight against drugs and their devastating effects through decades. Psychoactive substance production and consumption indicators are still alarming. Currently, drugs are present in great quantities in the daily life of many individuals. Thus, intoxication is considered one of the subject's response to the malaise in contemporary times, exhibiting new modes of expression of psychic pain. Drug addiction is inserted in this scenario as a particular way of easing pain and discouragement. This open subject aims to show the problem through interviews conducted with a crack user and participant in research on drug abuse, and the theoretical contributions of psychoanalyst Joel Birman on the status of drugs in this setting. Drug addiction, to the author, is determined by a relationship marked by the intensity and exclusivity of toxins in the psychic life of the subject. This sets up a condition of subjugation, due to a deadly circuit of total dependence on the substance. It is essential to understand the function assumed by the drug, in order to know the forms of subjugation and the resulting malaise.

Key words

Drug addiction, Contemporaneity, Subjection, Subjectivity

Nos tempos atuais, o consumo de drogas tem ser tornado uma questão epidêmica no cenário mundial. Essa problemática tem convocado as diferentes áreas de conhecimento a buscarem alternativas efetivas. O Relatório Mundial sobre Drogas 2010, elaborado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime indica que o Brasil, junto com a Argentina, constitui o maior mercado de consumo de cocaína da América do Sul, sendo que, no Brasil, o número de usuários aproxima-se a 900 mil usuários. O consumo de opiáceos (medicamentos a base de morfina) também apresentou índices elevados de consumo no país, com aproximadamente 640 mil consumidores abusivos da substância (UNODC, 2010). Essas informações permitem colocar em evidência os múltiplos impactos que as drogas provocam na atualidade, mas também destacar a necessidade de compreender os aspectos culturais e subjetivos implicados nesta problemática.

Este tema livre busca indagar a função que a droga assume na singularidade, no intuito de compreender sua relação com as formas de subjetivação e de enfrentamento ao mal-estar contemporâneo. Desse modo, é fundamental problematizar tal temática e, para isso, recorre-se, além do uso de recortes de entrevistas já realizadas em estudo sobre a história de vida de usuários de droga, aos fecundos aportes teóricos de Birman sobre o estatuto da droga na configuração da subjetividade atual.

Birman (2012) propõe uma leitura a respeito do lugar da droga na passagem histórica da sociedade moderna à sociedade contemporânea, afirmando que a droga sofreu uma importante mudança de função. Na modernidade, a droga tinha função de elemento amplificador do cenário conhecido e criativo; o sujeito buscava conhecer novos mundos e a substância química se prestava para isso. No decorrer deste período, situado no âmbito da contracultura, o uso da droga estava ligado a uma ritualidade e funcionalidade concreta, através da qual o sujeito procurava a superação da realidade presente e a descoberta de novos mundos. Assim, configurava-se um processo de experimentação e de posterior reflexão. Contudo, a partir dos anos setenta, este cenário sofreu uma profunda mudança, levando a droga ao centro numa experiência hedonista de prazer, sem perspectivas criativas, numa procura pela evasão solitária da realidade (Birman, 2012).

Na perspectiva psicanalítica, o recurso às drogas é entendido como uma resposta do sujeito ao mal-estar inerente à condição humana. Freud (1930/2006), em *O Mal-estar na Civilização*, fundamenta a negociação necessária para a entrada do homem na cultura, afirmando que o desenvolvimento da civilização impõe a renúncia à satisfação pulsional plena. Essa renúncia provoca um eterno mal-estar que indica permanentemente ao sujeito a sua condição estrutural de desamparo. A partir disso, a transformação da função da droga na sociedade pode ser entendida como um reflexo das mudanças culturais de cada época e as formas de mal-estar prevalentes nessas.

A compulsão as drogas, conforme Birman (2012), apresenta-se

como uma resposta ao mal estar da atualidade, constituindo-se tanto como um sintoma social na cultura contemporânea, quanto um sintoma em relação ao enfrentamento da dor de existir. Os efeitos do consumo na atualidade são devastadores no eixo das saúdes física e mental do sujeito. Assim, na medida em que constitui um fenômeno de massa, abrange diversas faixas etárias e classes sociais, transformando-se em foco das políticas de saúde pública. O cenário atual põe em evidência comportamentos nos quais prevalece comportamentos de desempenho, competição e exibição, que compõe a sociedade do espetáculo, caracterizada pela excessiva valorização do “ter” em detrimento do “ser”. Logo, tratando-se de contexto contemporâneo, os destinos do desejo passam a seguir uma perspectiva exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado. Nesta sociedade, o que predomina para o indivíduo é a exigência infinita da *performance*, de modo que o mais importante é que o eu seja glorificado e possa gozar da admiração que provoca no olhar do outro (Birman, 2012). Nesta perspectiva, no momento em que o indivíduo fracassa em realizar tal glorificação do eu e a estetização da existência, dá-se início a um intenso sofrimento, marcado pela impossibilidade do sujeito de acionar outros recursos diante do necessário enfrentamento de conflitos, até mesmo conflitos cotidianos. Como consequência, há uma transformação do registro da dor, que passa a não ser mais permeada pela simbolização e uma alteração na noção de tempo em que este se imprime.

Assim, conforme Dockhorn (2013): “O sujeito contemporâneo fica impossibilitado de transformar a dor em sofrimento e o desalento em desamparo. E é preciso reconhecer que sem desamparo não há alteridade, não há desejo, e sem sofrimento não há movimento de transformação” (Dockhorn, 2013, p. 127).

Pode-se observar, por meio da fala de V., participante de um estudo maior sobre toxicomania, a expressão da condição de um sujeito preso na dor, a qual ao não ser elaborada simbolicamente, não é integrada ao psiquismo e obstaculiza o desejo e a mudança, permanecendo presente via repetição:

“Então, eu fumava para ficar relaxada daqueles meus problemas, para esquecer (...). Às vezes nem tinha tempo, eu optava por ficar usando ao invés de dormir, e, daí, que a minha vida não progrediu, e, daí, que eu não consegui fazer as minhas coisas.” (V., sexo feminino, 23 anos).

É possível constatar, conforme afirma Birman (2012), que a categoria de espaço assume uma prevalência e dominância gradativamente maior na constituição da experiência subjetiva em relação à questão de temporalidade. Logo, apenas na medida em que existe a possibilidade de remanejar coordenadas do presente, se inscreve a expectativa de um futuro possível. Desta forma, a subjetividade contemporânea passa a acreditar que vive um “eterno presente”, no qual a repetição do mesmo é tão poderosa que não anuncia qualquer possibilidade de ruptura ou de descontinuidade. Assim, o sujeito da contemporaneidade é o sujeito da dor, sem passado nem futuro.

Dessa forma, surge o sentimento de *vazio de sentido*, seguido de uma sensação de inutilidade, e, uma vez que o que o sujeito sente e deseja não tem verdadeira importância para si mesmo, em breve ele renuncia a querer e a sentir, assujeitando-se perante a figura valorizada do outro. Nessa perspectiva, a dissolução dos sentidos produz um mundo desencantado, resultando em diversas formas de desamparo, que revelam a melancolia, a tristeza e o desespero (Birman, 2012).

Diante deste cenário, quando se acrescenta a condição de toxicomania, constata-se que o sujeito passa a buscar nas drogas algo

que possa provocar preenchimento e excitação, a fim de “oferecer alento a essas formas desérticas de existência” (Birman, 2012, p. 121). Dessa forma, o consumo de substância surge como forma de cancelamento da dor da existência e como uma das respostas do sujeito ao mal estar da contemporaneidade, denunciando novas modalidades de expressão de dor psíquica. Portanto, a toxicomania insere-se neste contexto como um modo particular de apaziguar o que concerne à dor e ao desalento. É esta lógica que o presente tema livre objetiva problematizar, por meio de recortes de falas de V., usuária de cocaína e crack. Para tal é priorizada a leitura e as proposições de Joel Birman (2012) sobre o estatuto da droga nestas configurações contemporâneas de subjetividade.

Uma das falas de V. explicita a utilização da droga como forma de anular a dor da existência:

Ah, porque é difícil assim, ainda mais pra mim que sou dependente química, talvez eu possa ter uma recaída, ainda mais que eu não posso beber (...). Então, é difícil uma dependente química não se perder ali. (V., sexo feminino, 23 anos)

V. passa a se nomear-se como dependente química, sua existência no mundo fica a serviço da droga, aprisionada na dependência que a droga impõe e no medo da recaída. Nesse sentido, denota-se que a toxicomania é determinada por uma relação marcada pela intensidade e pela exclusividade do tóxico na vida psíquica do sujeito. As drogas oferecem somente uma experiência ilusória e de curta duração, visto que o vazio repõe e é relançado no campo do psiquismo. Frente a esta perspectiva, configura-se uma condição de assujeitamento, ilustrada na fala de V., à medida que se amarra a um circuito mortífero de total dependência com a substância, na qual a droga ocupa uma função totalizante e o sujeito desaparece. *Porque ela vai te fissurando cada vez mais e tu não tem dinheiro tu quer vender o que tu tem e tu vai vendendo. Quando vê tu está de chinelinho de dedo até de pés descalços. (V., sexo feminino, 23 anos)* Assim, instaura-se um quadro de dependência e assujeitamento no predomínio de uma existência voltada à servidão ao objeto droga, que faz com que o sujeito não se implique mais em seu desejo, apenas na anestesia da dor.

Apesar disso, o sujeito insiste na cultura das drogas, de modo a repetir o uso, pela via do ato, na busca de encontrar um sentido para se preencher e a sensação de prazer. O sujeito, preso no aqui e agora, vê-se incapaz de metabolizar e inscrever no psiquismo suas experiências subjetivas, e encontra no ato uma via de descarga pulsional do que não foi tramitado pelo psiquismo. Dessa forma, a compulsão à repetição está a serviço da toxicomania, como uma repetição incansável, sem modificações, em que o alvo da ação nunca é alcançado. É possível observar esta função a partir da seguinte fala:

Eu usei pedra, fumei maconha, cheirei loló, lança perfume aquele que era um vidrinho meio amarelo. Não me levou a nada, só me levou a destruir a minha vida... Perdi muitas coisas por tanta droga. (V., sexo feminino, 23 anos)

Torna-se evidente, a partir da fala de V., a formação de um circuito mortífero, voltado para destruição das formas de pensar-se e das capacidades do devir do sujeito. Assim, a droga age como o papel fundamental de anestesiá-la dor. Porém, após o passar do efeito, a dor recomeça, já que não há uma simbolização na passagem ao ato que permita uma transformação da dor em sofrimento. Ao invés disso, “o sujeito fica preso numa dor da qual procura a evasão através de um hedonismo sensorial” (Birman, 2012, p.90), imerso no desalento solitário e paralisante da não conceição de possibilidades de transformação.

O caso de V., ilustra as perdas no campo psíquico, afetivo, social e

laboral, ou seja, seus investimentos ficam comprometidos e submetidos a droga. O tóxico desempenha na vida do sujeito, um papel aprisionante, e de desapropriação do si mesmo, colocando o usuário na condição de dependência, desalento e assujeitamento.

E a gente não vê que aquilo vai nos afundar mais ainda, porque a gente só quer se anestesiar da dor, e era isso que eu fazia, queria me anestesiar. (V., sexo feminino, 23 anos)

Eu estava perdendo tudo, estava perdendo a minha mãe, estava perdendo os meus filhos, perdi a minha casa completa e com tudo dentro por droga. (V., sexo feminino, 23 anos)

Por meio dessas duas vinhetas, percebe-se que todas as possibilidades de investimentos na vida de V. vão sendo desfeitas, e ela passa a se inserir em uma lógica de investimento que leva a exclusividade da droga. Assim, o toxicômano passa a só *existir* com a droga, de modo que se encontra assujeitado a ela. É possível observar, portanto, que a droga assume uma posição de privilégio na vida do sujeito, de forma que outros investimentos como família, trabalho, relações sociais, são gradualmente, ignorados.

Diante de parco ou inexistente investimento em outras esferas da vida, a relação dual com a droga, também se transforma, na medida em que o sujeito em questão vai desaparecendo e se deixando consumir pelo objeto. Assim, conforme Birman (2012), se caracteriza uma situação de excesso, visto que há a irrupção de algo que foge ao controle e à regulação da vontade - o sujeito já não faz mais escolhas. Com isso, a subjetividade fica diante de algo que a ultrapassa e que não pode dar conta, de modo que o sujeito é colocado em uma posição de impotência.

Pode-se concluir, portanto, que é o excesso que está subjacente na condição de toxicomania, pois o sujeito busca anestesiar-se frente a dor da existência por meio da ação compulsiva do consumo da droga, uma vez que tem medo de ficar paralisado diante da angústia. Desta forma, a compulsão à repetição surge como tentativa de preenchimento e busca de sentido. Com isso, instaura-se um panorama de dependência, o sujeito passa a ser consumido pela droga e, na medida em que o sujeito está submetido ao objeto, ele perde seu lugar próprio. Ou seja, configura-se uma condição de assujeitamento, no momento em que se amarra a um circuito mortífero de total dependência com a substância, na qual a droga ocupa uma função totalizante e o sujeito desaparece. A partir desta perspectiva, se faz fundamental indagar a função que a droga assume na singularidade, no intuito de compreender as formas de subjetivação e mal-estar contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

Birman, J. (2012). O sujeito na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Dockhorn, C. (2013). SIG revista de psicanálise: O sujeito da dor e suas formas de mal-estar. Porto Alegre.

Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime - UNODC (2010). World Drug Report 2012. Acessado em 30 de abr 2013. Disponível em <http://www.unodc.org/brazil>

Freud, S. (1930/2006). O mal-estar na civilização. In: J. Strachey (Ed. & Trad.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 21, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago.